

VU Research Portal

Entre o fogo cruzado e o campo minado:

Valle Menezes, P.

2015

document version

Publisher's PDF, also known as Version of record

[Link to publication in VU Research Portal](#)

citation for published version (APA)

Valle Menezes, P. (2015). *Entre o fogo cruzado e o campo minado: uma etnografia do processo de pacificacao de favelas cariocas*. Vrije Universiteit.

General rights

Copyright and moral rights for the publications made accessible in the public portal are retained by the authors and/or other copyright owners and it is a condition of accessing publications that users recognise and abide by the legal requirements associated with these rights.

- Users may download and print one copy of any publication from the public portal for the purpose of private study or research.
- You may not further distribute the material or use it for any profit-making activity or commercial gain
- You may freely distribute the URL identifying the publication in the public portal ?

Take down policy

If you believe that this document breaches copyright please contact us providing details, and we will remove access to the work immediately and investigate your claim.

E-mail address:

vuresearchportal.ub@vu.nl

V. DAS NOVAS INDETERMINAÇÕES ÀS NOVAS INVESTIGAÇÕES

9. O (RE)TENSIONAMENTO DO CLIMA NAS FAVELAS “PACIFICADAS”

9.1. A presença ausente da milícia em favelas com UPP

Até agora tratei das consequências que a presença permanente de dois diferentes atores violentos e potencialmente arbitrários vem gerando nas rotinas em territórios “pacificados”. No entanto, não é possível ignorar que, além dos policiais e traficantes, os milicianos tornaram-se personagens centrais no debate sobre violência no Rio de Janeiro na última década. E é interessante notar que mesmo não tendo feito trabalho de campo em territórios dominados por milícias, elas apresentaram-se tanto na minha pesquisa no Santa Marta como na Cidade de Deus como uma constante “presença ausente”.

Em conversas informais, assim como nas entrevistas gravadas, a milícia era um tema que recorrentemente aparecia na fala dos moradores. Sem que inicialmente, qualquer pergunta sobre o tema fosse feita, muitos moradores abordavam, de diferentes modos, percepções e medos relacionados a esses grupos. A palavra milícia era utilizada para fazer referência a dinâmicas bem diversas, como mostro a seguir.

a) “Quando a UPP chegou a gente pensou que eram os milicianos que iam dominar a Cidade de Deus”

Para começar, preciso ressaltar que na Cidade de Deus a presença da milícia parece estar mais ligada (embora não exclusivamente) a processos que já existem no presente, enquanto no Santa Marta está vinculada a expectativas em relação ao futuro. Essa diferença deve-se, primeiramente, à localização de cada uma dessas favelas. No caso da Cidade de Deus, localizada no bairro de Jacarepaguá, há uma proximidade física com muitas outras áreas dominadas por milicianos. E isso, sem dúvida, gera nos moradores um forte medo de invasão, já que a milícia já conseguiu tomar na região muitas outras favelas de traficantes e a Cidade de Deus permanece como uma espécie de último forte reduto do Comando Vermelho na Zona Oeste.

Os moradores contam que, alguns anos antes da “pacificação” da Cidade de Deus, circulavam constantemente rumores de que milicianos tinham o intuito de dominar a favela. Por isso, em novembro de 2008, quando um coronel da Polícia

Militar resolveu ocupar a favela por iniciativa própria, muitos moradores acharam que a ação poderia ter ligação direta com a chegada da milícia.

Um dia, durante o trabalho de campo, eu estava na favela e pedi para que dois moradores, Lucas e Bruno, me contassem o que eles lembravam sobre o momento em que a polícia ocupou a Cidade de Deus em 2008. Perguntei se podia gravar a conversa e eles concordaram. E mesmo sem eu ter perguntando, inicialmente, nada sobre a milícia, Lucas começou sua narrativa dizendo que:

Nós achávamos até que, na época, quem ia dominar era a milícia, tinha aquela preocupação. “Miliciano vai dominar, os policiais vão ficar aí que nem lá na praia de Ramos, polícia de um lado, miliciano do outro”. (...) Alguns milicianos sondaram aqui. Porque, a princípio, quem estava eram policiais do batalhão. Então os policiais do batalhão já eram policiais que conviviam com pessoal da milícia. (Trecho de uma conversa gravada com um morador da Cidade de Deus)

Bruno deu detalhes dessa “sondagem” que milicianos teriam feito para tentar tomar a favela. E disse que a milícia só não ocupou a Cidade de Deus, naquele momento, porque o governo teria passado a informação de que havia um novo projeto para aquela área. Nas palavras dele:

Os milicianos planejaram a tomada daqui, mas eles receberam a contra resposta de que aqui não poderiam fazer, que eram eles que faziam e eles tinham que perder para eles. Porque aqui ia ser colocada a UPP. (...) Então eles iam tomar dos traficantes e iam perder para os policiais. E estava bem aceso esse medo da tomada da milícia aqui mesmo. Toda a comunidade já estava sentindo que os caras iam tomar. Os caras (milicianos) já estavam andando por aqui, já estavam sondando. A movimentação, a união dos caras, era muito forte. (Trecho de uma conversa gravada com um morador da Cidade de Deus)

Lucas concordou que, naquele momento, a ideia de que a ocupação policial da favela fazia parte de um plano para enfraquecer o CV e abrir espaço para que a milícia dominasse o território parecia muito plausível. E acrescentou que muita gente achava que o Sérgio Cabral apoiava os milicianos. Nas palavras de Lucas:

A invasão da milícia ela era junto com a polícia. A polícia entrava. Primeiro a polícia entrava, matava cinco, seis, prendia a área, aí os caras [milicianos] vinham com 200 homens. (...) A gente achava que isso ia acontecer até porque o Sérgio Cabral foi um dos maiores financiadores da milícia... Só que ali ninguém sabia o que era o projeto que vinha para a Cidade de Deus. (...) Ninguém sabia nada. E agora a gente não tem nem ideia de como será o futuro. (Trecho de conversa gravada com um morador da Cidade de Deus)

A fala de Lucas enfatiza mais a indeterminação que existiu no passado – no momento da chegada da polícia na favela – mas também aponta para uma incerteza em relação ao futuro. Lucas, assim como muitos moradores, considera o futuro das UPPs incerto e teme em relação ao que pode ocorrer futuramente nas favelas “pacificadas”. E aí, mais uma vez, as milícias entram em cena

b) “E se os moradores da Cidade de Deus que estão virando policiais quiserem criar uma milícia aqui dentro da favela?”

Na Cidade de Deus ouvi, com recorrência, moradores afirmando que temem que a favela seja dominada por uma milícia. Algumas pessoas me disseram que temem, não só por invasões de milicianos que venham de fora, mas também pela gestação de uma milícia dentro da própria favela, já que vem crescendo o número de moradores que estão passando para o concurso da PM e tornando-se policiais:

Uma coisa que aumentou bastante aqui depois da UPP é que muitos jovens que, outra hora, poderiam estar no tráfico, hoje estão ingressando na polícia. A gente tem aqui muitos. Isso é bom, por um lado, porque esses moradores que são policiais e continuam vivendo aqui, ainda que trabalhem em outros lugares, são uma referência positiva para as crianças e para os jovens da CDD. Mas, por outro lado, isso também cria aquela dúvida, que possa, futuramente, haver o que acontece em área dominada pela milícia, que foi o que aconteceu no Rio das Pedras e no Gardênia, que um grupo de policiais da área criaram uma segurança local. (Trecho de entrevista com um morador da Cidade de Deus)

Há uma área próxima à Cidade de Deus, chamada Quintanilha, na qual vivem muitos policiais. Traficantes já tentaram várias vezes abrir boca de fumo nessa área, mas nunca conseguiram prosperar ali, pois sempre são expulsos pelos policiais que vivem nessa região e “colocam ordem” na área. Tomando a Quintanilha como exemplo, alguns moradores têm a expectativa de que o mesmo acabe ocorrendo em outras áreas da Cidade de Deus, uma vez que, como dito anteriormente, cresceu muito, nos últimos anos, o número de moradores que está prestando prova para PMERJ e está sendo aprovado.

c) “E se os policiais da UPP da CDD fecharem com os milicianos da Gardênia?”

Além de usarem a Quintanilha como referência, muitos moradores da Cidade de Deus me falavam constantemente sobre o caso da Gardênia Azul. A favela, que

fica bem próxima à Cidade de Deus, é dominada por milicianos. Mas, nos últimos anos, traficantes da Cidade de Deus conseguiram abrir uma boca de fumo na área de milícia. Segundo moradores, tal feito só foi possível porque os milicianos de diversas favelas da cidade “ficaram mais visados” e “perderam força” depois do episódio de tortura que envolveu jornalistas do jornal *O Dia* em 2008 no Batan²⁴⁷.

Após esse episódio, houve um aumento da repressão por parte do poder público às milícias e, conseqüentemente, um enfraquecimento do controle social exercido pelos milicianos em territórios como a Gardênia. A partir desse enfraquecimento, traficantes da Cidade de Deus conseguiram atuar na favela, vendendo drogas por um tempo. Mas, logo depois, os milicianos foram ganhando força novamente e mataram alguns traficantes da Cidade de Deus na Gardênia. Para se vingar, o tráfico também teria matado milicianos e depois disso o clima de tensão se acentuou na região.

Entre 2013 e 2014, circularam rumores de que milicianos estavam entrando na Cidade de Deus de carro, escolhendo aleatoriamente alguns moradores para “dar uma surra” e mandar que eles passassem para o tráfico o recado de que a milícia tomaria a favela deles. Nesse mesmo período, também começaram a ocorrer frequentemente tiroteios na Cidade de Deus e os moradores achavam que os conflitos eram resultado da tensão entre traficantes e milicianos. Além disso, começou a surgir a especulação de que os policiais da UPP estariam “fechados” com os milicianos, com o objetivo de enfraquecer os traficantes na Cidade de Deus.

²⁴⁷ Em meados de 2008, repórteres do jornal *O Dia* atuavam disfarçadamente no Batan para fazer uma reportagem sobre a milícia, quando foram sequestrados e torturados por milicianos. A tortura ganhou repercussão nacional e internacional e tornou-se um ponto de inflexão em relação à questão das milícias. Os principais desdobramentos do caso foram o “desengavetamento” da CPI das milícias na Assembleia Legislativa, proposta um ano antes pelo deputado do PSOL Marcelo Freixo, a ocupação policial do Batan e a inauguração de uma UPP na favela. Desde esse episódio, as milícias ganharam uma grande visibilidade e foram mais reprimidas pelo poder público do que eram antes. Tal repressão, segundo Cano e Duarte gerou um enfraquecimento do controle social imposto pelas milícias; uma redução da capacidade que elas tinham de gerar renda; uma mudança no estilo de operar, adotando um estilo mais discreto. A partir dessas mudanças houve um aumento da presença de traficantes em alguns territórios ocupados pela milícia como a Gardênia e também houve um crescimento de crimes não letais nessas áreas. Como apontam Cano e Duarte, “há uma percepção generalizada sobre a necessidade da presença de um ator forte que tome conta do território, que não deixe ‘a casa vazia’. Alguém precisa estabelecer uma ‘ordem’ no local” (2011, p.86). Uma vez que a capacidade dos milicianos de regular as condutas dos moradores tornou-se mais contida que antigamente, resultando na perda significativa de sua força, os moradores começaram “a acusar esses grupos de terem se tornado ‘frouxos’ e de não serem sempre capazes de evitar os pequenos crimes, que era uma das suas funções centrais para a população” (2011, p. 129).

d) “Quando os policiais da UPP chegaram aqui no Santa Marta, eles queriam criar uma milicinha de leve na favela”

No caso do Santa Marta, como o morro é localizado em Botafogo, na Zona Sul da cidade e não há nas redondezas áreas notoriamente conhecidas como “de milícia”, nunca ouvi nenhum morador dizendo que tem medo que aconteça uma invasão de milicianos na favela – como vem ocorrendo na Cidade de Deus. No entanto, diversos moradores do Santa Marta têm receio de que a própria UPP torne-se uma milícia, como indicado no fim da seção anterior.

Alguns de meus interlocutores narram que, no início da implementação da UPP, circulou o rumor de que alguns policiais queriam morar no morro e teriam tentado dominar a venda de gás, o serviço de TV a cabo – antes de empresas, como a Sky, começarem a oferecer o serviço formalmente na favela. Em uma entrevista com o presidente da Associação dos Moradores, ele disse que, na época, recebeu denúncias de que policiais estariam, de fato, tentando criar uma “milicinha de leve” na favela:

Eu governo para que se tem uma ilicitude de um lado, se não deixou ter uma ilicitude de um lado, nós não podemos deixar de ter outra. Se o governo veio para tirar o territorialismo do poder paralelo e vai ficar outro, acho que nosso dever como cidadão, como nativo, como morador daqui é não deixar. (...) Aqui quando nós tivemos denúncia, eu fui atrás, quando eles (policiais da UPP) quiseram botar gás, quiseram botar maquininha, eu fui atrás e do jeito que estou falando para você aqui, se não teve paralelo de um lado também não vai ter de outro. (...) Eu fui direto ao governador, que encaminhou para a major (...) E se não pode ter de um, não pode ter de outro. Então não vamos começar colocando gazinho, isso aqui, aquilo ali, por não vai começar nada. Tem que vir o gás, como vem. Não vem qualquer gás? Não está aberto, não é uma cidade formal? Tem que ter essa abertura para todo mundo, não o monopólio de um ou de outro. (Trecho de entrevista com o presidente da Associação de moradores do Santa Marta, Zé Mário Hilário)

e) “Se continuar assim, a UPP vai ter um fim trágico: vai acabar virando milícia!”

Passado o primeiro momento da ocupação, com a formalização dos serviços na favela, o aumento da presença do mercado no Santa Marta e a formação de um forte consenso em torno dos benefícios trazidos pela UPP, não ouvi mais ninguém desconfiando de que policiais continuavam tentando implementar uma milícia na favela. Mas, em 2011, com a mudança no comando da UPP, na qual a major Priscilla deixou o cargo e Andrada tornou-se comandante, o rumor de que a UPP poderia “virar milícia” voltou a circular. Nesse período, circularam especulações de que Andrada seria corrupto e teria envolvimento com milicianos. Um morador me disse,

por exemplo: “o Andrada era da banda podre. Andrada eu já conheço de outros carnavais. Ele já veio aqui em outras épocas pegar arrego. Dizem que ele fecha com os milicianos. Ele ia até a baile no morro. Sempre foi, não ia ser agora que ele ia deixar de ir”. Devido a tais especulações, muitos moradores temiam que o projeto da UPP acabasse se desvirtuando na favela:

Os policiais não são confiáveis, não. A projeção do futuro aí, segundo os moradores que andam pelo morro – o povo aumenta, mas não inventa –, é de virar milícia. Daí eles vão começar a querer vender coisa aqui... por exemplo, um ponto de gás, montar um restaurante. Aí, começa assim. Então, tem sempre um no morro. Os moradores têm medo disso porque é aquele negócio: quase todo mundo é vendável. A polícia vem como se fosse bandido. A condição deles é igual, eles se vendem... O governo paga mal, o cara quer mais, tem carro, tem um padrão de vida que ele quer manter. Como é que ele vai manter?... A pessoa como policial pode tudo, ela está no poder! (Trecho de entrevista com um morador do Santa Marta)

Costumo dizer que só mudou de mão o fuzil. E essa coisa da UPP tenho medo de virar uma milícia, sempre tem essas coisas. “Cara, e depois?” Se acabar os investimentos do Estado, como é que vai ficar? Eles não vão querer entregar o morro na mão dos traficantes de novo. Tem essa coisa, porque a gente conhece muito bem como é a polícia. Eu, particularmente, não confio. (Trecho de entrevista com morador do Santa Marta)

A gente tem medo desse negócio de milícia. (...) Se o comandante falar que todo mundo vai ter que contribuir, contribuí. (...) Não, eu estou dizendo assim que já acontece, mas se a gente não tomar cuidado... Todo o mundo está falando isso. Hoje o Pimentel falou a mesma coisa: “Tem que ter o maior cuidado senão as favelas da UPP vão acabar virando lugar de milícia”. Ah, você imagina o turismo que é o que mais dá dinheiro no Santa Marta hoje? (...) Quer dizer, se a gente perder o controle total do Santa Marta no geral, vai acabar que o comandante vai chegar, vai chamar as agências e os caras vão pagar um real por gringo para ele. (Trecho de entrevista com um morador do Santa Marta)

f) “Ninguém pode falar de pacificação em áreas de milícia, porque os milicianos têm medo dos moradores da área deles pedirem para instalar UPP lá”

Entre as pessoas que me disseram ter medo de, no futuro, “o Santa Marta virar milícia”, me chamou a atenção o caso de Tânia, uma jovem de 17 anos. Ela contou, durante uma entrevista, que tinha “pavor de miliciano” porque, embora fosse “nascida e criada” no Santa Marta, tinha morado, pouco tempo atrás, em uma área dominada pela milícia. Tânia narrou que no período em que estava morando nessa área foi ameaçada por milicianos que disseram que sabiam de onde ela vinha e que era para ela se manter calada e não falar nada sobre a UPP para vizinhos ou amigos dali:

No meu caso, eu me sinto mais inibida, com medo de sofrer represália, porque, há pouco tempo atrás, eu fui morar em uma comunidade de milicianos. Então, quando a pessoa entra, eles sabem de tudo e de todos.

Ficaram sabendo de onde eu tinha vindo, vieram me cobrar, conversaram comigo sobre a situação que se passava lá dentro, me explicaram a minha situação: “Ó, você não é bem vista e o que você fizer de errado vai ser cobrada.” Falaram que era porque eu morava em uma favela que era pacificada, onde não tinha mais traficante, que a favela era para ser deles da milícia, que, uma hora ou outra, também ia ser tomada. (...) Meu problema foi ter vindo de favela pacificada. Não é questão deles não gostarem do Santa Marta. Eles não têm nada contra, desde que ninguém fale nada (...). Há boatos de que tem pessoas que trabalham na pacificação aqui do morro e que tem envolvimento com os milicianos. Então, uma coisa já aumenta outra. Vai contar lá se está bom ou se está ruim, vai ser cobrado lá mesmo, porque bate um radinho, um “fio”, para não sei quem e acaba todo mundo sabendo. (Trecho de entrevista com uma moradora do Santa Marta)

Tânia contou que os milicianos tinham medo de que ela falasse bem da UPP e que os moradores daquela área começassem a desejar e a demandar que ali fosse implantada uma Unidade de Polícia Pacificadora. Além disso, a jovem ressaltou que tem receio de que, futuramente, possa haver uma milícia no Santa Marta, porque “a milícia não é essa maravilha toda que as pessoas pensam”.

g) “Agora miliciano vende droga e traficante quer cobrar taxa de comerciante”

Quando perguntei para Tânia porque ela achava que a milícia não era tão boa quanto ela imaginava no passado, ela disse que se decepcionou porque pensava que em áreas de milícia não era permitido ter venda de drogas. No entanto, na “comunidade” onde morou, ela viu que existiam bocas de fumo controladas pelos milicianos. Em suas palavras:

O que eu pensei que diferenciava tráfico de milícia não rola mais. Pensava que em área de milícia não tinha droga. Mas morando lá eu vi que eles vendiam drogas, sim, era tudo na mão deles. Era gás, era água, tudo na mão deles, você comprava com eles... Negócio de Sky você comprava com eles. Drogas também, mas, só para quem era maior de 18 anos. (Trecho de entrevista com uma moradora do Santa Marta)

O relato de Tânia mostra como as fronteiras que diferenciam as práticas dos traficantes e dos milicianos parecem estar cada vez mais borradas. Do mesmo modo que a jovem se espantou com o fato de milicianos venderem drogas, confesso que também fiquei intrigada ao ouvir relatos de que traficantes estão cada vez mais adotando práticas reconhecidas como típicas de milicianos. Parece estar havendo portanto um processo de “traficalização” da milícia e outro de “micialização” do tráfico.

No caso da Cidade de Deus, ouvi moradores relatando que a “micialização” do tráfico é um fenômeno anterior à presença da UPP na favela. Traficantes da favela de Jacarepaguá, além de monopolizarem a venda de drogas, antes da “pacificação” dominavam o fornecimento de gás, gatonet, internet e mototáxi. Em alguns casos, o “dono” do tráfico também era o “dono” da prestação de alguns desses serviços. Em outros o “dono” presenteava alguém próximo que passava a administrar o serviço; em retribuição, o presenteado repassava para o dono uma parte dos lucros ou um valor fixo todos os meses. Alguns dos traficantes que entrevistei confirmaram essas informações afirmando que:

De um tempo pra cá, que teve mais disso, o tráfico começou a querer, em si, o tráfico, começou a puxar pro lado da máfia, tá entendendo? (...) O tráfico deixou de ser aquele trafico só de drogas, o tráfico começou a expandir para gás, para transporte alternativo, gatonet, tá entendendo, o tráfico começou, e não só o tráfico, a milícia também, tá entendendo? (Trecho de entrevista com um traficante da Cidade de Deus)

(Quando) a UPP tinha entrando aqui, eu tinha perdido tudo o que eu tinha, porque antes eu era dono da gatonet, dono do mototáxi, dono do gás, quem abastecia era eu. Então, eu fiquei muito desnorteado, fiquei muito desnorteado” (Trecho de entrevista com um traficante da Cidade de Deus)

No Santa Marta ouvi rumores, entre 2012 e 2013, de que traficantes estariam começando a adotar outra prática que até então era reconhecida como uma prática de miliciano: a obrigatoriedade de pagamento de uma taxa mensal por parte dos comerciantes. Quando ouvi especulações de que essa taxa estaria sendo cobrada pelos traficantes, ouvi alguns moradores apontando tal cobrança como um sinal de que o tráfico estaria mais fortalecido na favela. Nesse momento, circulava ali o rumor de que os traficantes estariam batendo em quem se recusasse a pagar tal taxa. Mas nem todos os moradores acreditavam que isso estivesse ocorrendo. Um comerciante contou que ninguém havia cobrado nada dele e que se tentasse cobrar ele não iria “dar brecha, porque se você pagar a primeira vez, não consegue se livrar nunca mais”.

Essas falas dos moradores mostram, portanto, que há um crescente embaralhamento dos papéis e práticas da polícia, do tráfico e da milícia em favelas “pacificadas”. E esse embaralhamento vem gerando uma grande ansiedade na população que vem encontrando dificuldades para definir o que pode esperar de cada um desses atores, uma vez que a milícia e o tráfico parecem estar passando por um

intenso processo de “mutação”²⁴⁸ desde 2008 e por um novo processo de fortalecimento, especialmente, nos últimos dois anos, como mostrarei mais adiante.

Embora não tenha desenvolvido um estudo comparativo entre tráfico e milícia, acredito que o cruzamento dos dados da minha pesquisa com os resultados da pesquisa sobre milícia realizada por Cano e Duarte entre 2008 e 2011²⁴⁹ permite visualizar que a criação da CPI e das UPPs parece ter gerado alguns efeitos semelhantes em favelas dominadas por milícias e em áreas “pacificadas”. Para começar a esboçar essa comparação é preciso lembrar que, como apontam Cano e Duarte, “em 2006 e 2007, a maioria das comunidades relatava o patrulhamento das milícias e o controle de acessos às comunidades, com um nível de ostensividade semelhante ao do tráfico” (2011, p. 78).

Acredito que, em alguma medida, seja possível aproximar e estabelecer relações homólogas entre o que ocorreu com o tráfico após o início da “pacificação” e aquilo que ocorreu com as milícias após a CPI. Digo isso porque, no capítulo 5 mostrei como a criação das da UPP teve impacto na forma de atuação do tráfico, que passou a ser mais discreta e menos ostensiva em áreas “pacificadas”. Cano e Duarte apontam, de modo semelhante, que

as próprias técnicas de domínio territorial (das milícias) se tornaram mais sutis e menos visíveis. (...) O patrulhamento e a ostensividade são menos comuns e muitos entrevistados manifestaram que os milicianos apenas fazem rondas nas comunidades à noite ou não o fazem em absoluto. Em vários locais, os milicianos aparecem apenas quando são chamados para checar uma denúncia ou resolver um conflito. Essa estratégia se aproxima do modelo dos grupos de extermínio e também da figura do “dono do morro” em algumas comunidades, onde o controle é exercido de forma pouco ostensiva, sem a presença permanente e sem controle de acessos (2011, p. 78).

A expressão “no sapatinho” que é utilizada por moradores entrevistados por Cano e Duarte para definir a atuação das milícias após a CPI, também ajuda a pensar na atuação do tráfico após a “pacificação”, pois em ambos os casos os grupos

²⁴⁸ Cano e Duarte sugerem que “em 2008, as imagens biológicas – tão caras na origem das ciências sociais – que surgiram a propósito das milícias eram a de um câncer ou de uma doença autoimune, de forma que as células que deveriam proteger o corpo social se dedicavam a ameaçá-lo. No momento atual, a nova imagem biológica da milícia é a de um vírus, que apresenta mutações constantes para se adaptar às novas condições e, dessa forma, evade as vacinas e os remédios desenhados para combatê-lo” (2011, p.133).

²⁴⁹ Os autores realizaram uma pesquisa para analisar a evolução do fenômeno das milícias no estado do Rio de Janeiro entre 2008 e 2011 e avaliar “se houve mudanças na sua composição e estrutura, na sua abrangência territorial, na sua capacidade de geração de lucro, no seu modo de operar, na sua legitimidade e na sua relação com as comunidades” (2011, p.15)

criminosos tentaram agir de modo mais discreto e invisível. Um exemplo disso é que traficantes assim como milicianos passaram a evitar matar pessoas dentro das favelas e, quando ocorriam os homicídios, os corpos assassinados passaram a ficar menos expostos do que no passado²⁵⁰.

Embora a atuação do tráfico e das milícias tenha se tornado menos visível, é interessante notar, contudo, que o clima de intimidação aumentou logo após a CPI e a criação das UPPs – já que tanto os traficantes como os milicianos “precisavam” tentar evitar que os moradores fizessem denúncias e colaborassem com as investigações que vinham sendo feitas pela polícia. Nas palavras de Cano e Duarte:

a primeira e mais paradoxal [consequência do aumento da repressão estatal às milícias] é que, sob a nova consigna de discrição, o clima de intimidação não é menor, como poderia se esperar, mas ainda maior. Como as milícias agora temem em maior medida que qualquer informação divulgada possa resultar em investigações penais contra eles, os moradores estão com grande receio de falar sobre o tema, mesmo quando apoiam a ação desses grupos (2011, p. 74).

Acredito ser possível aproximar esse cenário descrito por Cano e Duarte daquilo que observei no Santa Marta e na Cidade de Deus. Isso porque, tanto em áreas controladas por milícias como naquelas que receberam UPPs, a violência tornou-se menos visível entre 2008 e 2011. No entanto, ao mesmo tempo, houve um significativo aumento da vigilância e da coação visando impedir que moradores fizessem denúncias contra a milícia em um caso e contra o tráfico no outro.

A partir de 2012, essa situação parece que voltou a se modificar tanto em áreas dominadas por milícias²⁵¹ como em áreas “pacificadas”. Nas favelas com UPP a violência voltou a ganhar mais visibilidade e houve um retensionamento do clima nessas áreas. A seguir aponto como esse retensionamento vem sendo associado, por um lado, à volta do fortalecimento do tráfico e, por outro, à volta da corrupção policial nesses territórios que, na visão dos moradores, pode acabar gerando um “fim sinistro” para as UPPs que seria sua transformação em milícias em um futuro próximo.

²⁵⁰ Cano e Duarte, apontam que vários de seus informantes revelaram que “as milícias estão matando menos, mas, sobretudo, estão sendo mais discretas nos seus homicídios, recorrendo ao desaparecimento de pessoas como alternativa. Os registros oficiais de desaparecimentos, a despeito das suas limitações, parecem confirmar uma tendência ao aumento de casos em locais e momentos em que a milícia está mais presente”. (2011, p.130)

²⁵¹ Há especulações de que, nos últimos anos, aumentaram significativamente os territórios dominados por milicianos na cidade do Rio de Janeiro.

9.2. O (re)fortalecimento do tráfico

Um dos resultados mais celebrados do processo de “pacificação” foi o enfraquecimento dos traficantes em favelas cariocas. No Santa Marta e na Cidade de Deus, moradores apontam que desde o início da ocupação policial dessas duas favelas, em 2008, a venda de drogas caiu drasticamente e o tráfico perdeu muita força.

Alguns moradores da Cidade de Deus narram que no início da ocupação policial na favela, muitos traficantes fugiram, alguns ficaram bem escondidos e efetuando pouco ou quase nenhuma venda por temerem os policiais do Bope. Um homem de 40 anos, “nascido e criado” na favela de Jacarepaguá, disse durante uma entrevista que, de início, “os traficantes sumiram da favela porque o Bope é uma polícia temida. A pessoa não tem respeito, tem temor”. Em uma das entrevistas com traficantes da Cidade de Deus, um deles me disse que no início “o pessoal deu uma parada nas vendas porque com o Bope não tinha papo”. Durante a entrevista ele perguntou para outro morador que também participava da conversa se ele achava que o Bope se corrompia:

A - O Bope eu acho que não se corrompe não, cara. O pessoal respeita mais o Bope devido às mortes também. Eles matam mesmo, não dá em nada. É mais por isso. Você acha o Bope corrupto, Alan?

B – É uma pergunta que é muito difícil de responder. Você não vê. É uma coisa que você nunca viu, nunca soube, então...

A – Aí por você não vê e nunca saber, você só respeita pelo teor da periculosidade que eles têm, de matar mesmo e não dar em nada.

Na Cidade de Deus também ouvi pessoas relatando que no início da ocupação policial da favela, as igrejas evangélicas ficaram cheias. Como afirmou um morador: “a igreja ficou lotada de bandido. (...) O negócio ficou salgado. O Bope vinha aí, batia de porta em porta. O Bope só trabalhava de madrugada. Na madrugada era corda no pescoço, gravata, cabo de vassoura e pau neles. Todo mundo ficou aterrorizado”.

Assim que o Bope deixou a favela e foi inaugurada a UPP, os moradores narram que, pouco a pouco, os traficantes tiveram que se adaptar a nova situação. Alguns que tinham fugido para outras favelas²⁵² voltaram para “casa”, mas notaram

²⁵² Poucas semanas após o início da ocupação do Santa Marta, foram divulgadas reportagens que tratavam de uma migração dos traficantes da favela de Botafogo para outros morros: “O delegado Marcus Vinicius, titular da Delegacia de Combate a Drogas (Dcod), também afirmou que o tráfico não está mais no Dona Marta. Segundo ele, os bandidos da comunidade dividiram-se na hora da fuga: parte se refugiou na Ladeira dos Tabajaras e no Pavão-Pavãozinho, ambos na Zona Sul; e parte migrou para

que trabalhar no tráfico em uma favela “pacificada” não seria a mesma coisa que antes, por isso, vários jovens resolveram procurar emprego. O presidente da associação de moradores do Santa Marta narra que conseguiu emprego para muitos jovens que resolveram sair do tráfico:

Tem gente que vivia na criminalidade e ganha mil, dois mil por mês com trabalho honesto. Eles nunca pensaram em ganhar um salário desse. E quem vem me pedir ajuda são as pessoas que estão aí, desse lado aí. (...) Não estou cometendo nenhum crime ao ressocializar pessoas. Os próprios deuses falam comigo: “arruma emprego para essa galera”, porque não tem mais como pagar. Quem tem fome, tem pressa. Eles estão vendo que o que é feito é o correto. Então, se a pessoa não quer trabalhar, não quer nada, ela vai ter que ir para outro morro. Por que ela vai ficar aqui ganhando 50 conto, 100 conto por mês? Não vão, né? Então, é melhor trabalhar e esperar o futuro para ver o que o futuro vai ser. Quem sabe o que vai ser o futuro? (Trecho de entrevista com Zé Mário, presidente da Associação de Moradores do Santa Marta)

Ana, uma moradora do Santa Marta de quem sou bem próxima, me contou o caso de Wallace e Dudu. O primeiro tem 25 anos de idade e o segundo 27. Eu conhecia os dois porque eles costumavam frequentar o mesmo bar que eu sempre ia com os amigos na favela. Nenhum dos dois, contudo, havia falado sobre o passado deles em momento algum. Eu sabia apenas que Wallace trabalha como motorista, com carteira assinada e Dudu tinha conseguido um emprego na Sky quando a empresa começou a atuar na favela.

Um dia, durante uma conversa informal, Ana contou que os dois faziam parte do tráfico quando a polícia ocupou a favela. Ela disse que, assim que viram que a polícia não sairia do Santa Marta, eles resolveram se mudar para outro morro dominado pelo Comando Vermelho. No entanto, eles não se sentiram muito bem nessa outra favela que não conheciam direito, não tinham muitos contatos e não possuíam a “mesma moral” que tinham no morro onde nasceram e foram criados. Por isso, diante das dificuldades de adaptação, voltando para o Santa Marta alguns meses após o início da “pacificação”.

Como o comércio de drogas na favela estava bem fraco no primeiro ano após a chegada da UPP – já que no início da ocupação as “duras” e rondas pela favela eram

a Vila Cruzeiro, para Manguinhos e para a Mangueira. “O que está acontecendo no Dona Marta é uma ocupação séria, diferentemente de todas as outras. Posso afirmar que não está mais havendo venda de drogas na favela” disse Marcos Vinicius”. (Trecho da reportagem “Ocupação da PM leva traficantes do Dona Marta a mudarem de favela” publicada no jornal *Extra* em 02 de dezembro de 2008)

muito frequentes –, Wallace, Dudu e alguns outros amigos começaram, então, a procurar emprego. Ter um trabalho com carteira assinada era importante não só para ter uma fonte de renda, mas também para garantir que eles pudessem permanecer na favela sem serem, constantemente, perseguidos por policiais da UPP. Eles precisavam, portanto, não só largar a vida de “bandido”, mas também demonstrar que tinham agora uma rotina de “trabalhador”.

Ana considera que a chegada da UPP “foi a salvação para esses meninos”. Na visão dela, se a polícia não tivesse invadido o morro, provavelmente, Wallace, Dudu e muitos outros já teriam morrido ou estariam presos. Contudo, é interessante notar, como ressaltou Ana que, embora tenham passado a ter uma rotina de “trabalhador”, Wallace, Dudu e os amigos vão ainda a outras favelas não “pacificadas” para “curtir” um baile funk em alguns fins de semana. Nessas ocasiões, segundo Ana, eles costumam pegar armamentos emprestados com antigos parceiros “só para tirar onda de ‘bandido’” no baile.

Além disso, quando há brigas e conflitos na favela, às vezes eles ainda atuam como mediadores, como faziam na época em que eram diretamente envolvidos na boca. Alguns moradores criticam que eles continuam tentando mostrar que ainda têm algum *status* por causa da ligação passada com o tráfico. Certa vez ouvi Livia, uma jovem moradora do Santa Marta de 17 anos, reclamar que não gosta de Dudu porque ele vive querendo “tirar onda de traficante, falando em voz alta pelos becos que é amigo de fulano, que é fechado com não sei quem”. Em um tom irônico e debochado a jovem me disse que, por causa desse “comportamento marrento”, há pouco tempo, “Dudu se deu mal e levou uns tapas de uns policiais”. E completou dizendo “bem feito. É bom para ver se ele para de marra e nota que agora muita coisa mudou!”.

Até 2010, parecia evidente, portanto, que os traficantes do Santa Marta estavam bastante enfraquecidos, embora a venda de drogas continuasse ocorrendo na favela. Os primeiros indícios de que os traficantes estariam começando a se fortalecer novamente começaram a surgir em 2011. Nessa época, ouvi relatos de que os traficantes tinham parado de vender crack na favela, mas que estariam voltando a comercializar a droga novamente. Entre 2011 e 2012, circularam boatos de que traficantes estariam voltando a andar armados pelas favelas com UPP – sobretudo nos bailes. No caso do Santa Marta, ninguém nunca afirmou ter visto, de fato, um traficante armado no morro, mas muitos moradores com quem conversei a respeito disseram já ter ouvido boatos de que “os meninos estariam andando de pistola”.

Enquanto conversávamos sobre o tema, alguns moradores acionaram outro rumor, apontando que traficantes do Santa Marta não estariam andando armados nem enfrentando a polícia (como já acontecia em outras favelas como a Cidade de Deus e o Parque Proletário), porque o “dono do morro”, preso na penitenciária de Bangu, quer evitar problemas com a polícia na favela para não correr o risco de ser transferido para um presídio de segurança máxima em outro estado do país.

Um rumor parecido também circulou pela Cidade de Deus, onde pessoas diziam que em uma área da favela que é dominada por um traficante não tinha enfrentamento armado porque o tal “dono” que comandava a venda de drogas na região proibia os bandidos de ficarem atirando dentro desse território. Já em outra área, com outro dono, a ordem seria para que bandidos atirassem em policiais que estavam “causando problemas” para o tráfico.

Cada dono de morro tem sua doutrina. Tem uns que não gostam de esculachar. O amigo daqui não quer esculachar ninguém. O ritmo dele é botar dinheiro no bolso e ficar milionário. Ele não quer que mate ninguém na favela porque ele também quer sair da cadeia e ficar em liberdade. Porque matando vagabundo na favela dele, acaba caindo nas costas dele e ficando mais difícil para ele sair depois. Dependendo da favela é diferente. Lá do outro lado, eles já mandam matar e jogam para o jacaré. Eles não querem saber não (Trecho de entrevista com um morador da Cidade de Deus).

Em 2012, contudo, surgiram relatos de que em todas as áreas da Cidade de Deus, os “meninos” estariam voltando a fazer uso da força de modo cada vez menos cauteloso. Um morador da Cidade de Deus afirmou que algumas “dinâmicas” que existiam no passado estariam voltando e a violência começava a “se naturalizar novamente”.

Relatos apontavam, entre 2012 e 2013, que estaria havendo um afrouxamento da regulação e da evitação do uso da força física nas favelas “pacificadas”. Moradores comentam que se logo após a chegada da polícia os traficantes evitavam dar uma surra em alguém que “vacilou” para não chamar atenção da UPP, hoje eles parecem já não ter mais medo de usar a força na favela – até mesmo no caso do Santa Marta, que é considerada “favela-modelo”. Em abril de 2013 moradores falaram que um homem foi torturado na favela pelo tráfico e que ouviram gritos a noite toda. Um dos moradores explicou porque o morador apanhou dos traficantes: “Ele vendia dois biscoitos [drogas], mas ficava com o dinheiro de um só para ele e repassava só o

dinheiro do outro. Aí os caras não perdoam. Agora ele está todo quebrado. Apanhou porque tentou enganar o tráfico”.

Na mesma época ouvi o rumor – sobre o qual já falei na seção anterior – de que traficantes estariam cobrando tarifa de todos comerciantes e de pessoas que queriam realizar projetos do morro. Uma moradora narrou que um professor de artes marciais que realiza um projeto na favela se negou a pagar e, por isso, teria levado uma surra de traficantes. Segundo a moradora, a família do professor procurou a polícia para dar queixa, pois queria que os “meninos” levassem um susto e vissem que eles “não iam deixar a história por isso mesmo”. Mas depois acabou resolvendo não levar a denúncia adiante.

Em 2013, uma outra moradora contou outro caso de agressão cometido por traficantes. Segundo ela, “traficantes deram uma surra em um menino porque ele derramou (roubou dinheiro do tráfico)”. Depois disso começou a circular pelo morro o boato de que ao ser internado no hospital, o homem que apanhou entregou o nome de várias pessoas envolvidas com o tráfico de drogas no Santa Marta para policiais da UPP que foram visitá-lo. Por isso, agora ele não pode mais voltar no morro. Segundo a moradora devido a esses episódios, muitos policiais civis começaram a circular pelo morro. De acordo com a moradora, “tem um monte de civil paisana procurando um cara aí que vai ter que deixar o morro para ver se a coisa acalma”.

Moradores da Cidade de Deus relatam que casos de agressões cometidas por traficantes também passaram a ocorrer cada vez com mais frequência na favela a partir de 2013. Souza, um morador de 30 anos de idade, de quem eu era relativamente próxima – sempre que eu ia à favela costumava conversar com ele e com sua esposa–, levou “madeiradas” de traficantes, teve o braço quebrado ao defender-se de uma que, segundo ele, se tivesse pegado na cabeça o teria matado, tendo que passar por uma cirurgia para reconectar o osso fraturado. Ele conta que apanhou porque os caras “arranjaram um caô” dizendo que a mãe dele estava devendo dinheiro para a sogra de um dos “meninos” da boca. Outras pessoas especulam que, na verdade, ele apanhou porque estava vendendo droga “ilegalmente” na favela. O que quer dizer que Souza estava realizando vendas de modo independente, desrespeitando, assim, o monopólio da venda de drogas que pertence ao dono daquela área.

Além do crescimento dos casos de agressão, rumores apontam que o número de assassinatos e desaparecimentos vem aumentando. Em uma noite de trabalho de campo na Cidade de Deus, enquanto entrevistava Lucas – um evangélico de 50 anos –

e falávamos sobre a frequência dos assassinatos na favela, antes e depois da UPP, João – um amigo dele da Igreja chegou – e eles começaram a discutir sobre o assunto. Lucas defendia que as mortes tinham reduzido muito desde o início da “pacificação”, enquanto João lembrava que ainda ocorrem muitas mortes que não ganham visibilidade.

L: As mortes eram mais intensas, os castigos eram mais intensos. Hoje não.

J: O que acontece é o seguinte: eu falei para ela, cada local... Até questão de postura da UPP, ela contribui. Por exemplo, quando a UPP chegou no Complexo do Alemão... A gente não sabe através da UPP, mas toda semana morre uma pessoa no Complexo do Alemão. O tráfico mata. Toda semana morre gente no Karatê. A UPP mostra? É porque a gente vive...

L: Agora? Hoje?

J: Morre, cara. Toda semana.

L: Cara, o índice de morte aqui era muito alto!

J: Sei! Sei que abaixou bastante.

L: Muito!

J: Mas toda semana morre um no Karatê.

L: É sem comparação.

J: É porque não é visível, antigamente o cara matava e mostrava para todo mundo ver.

L: Na Cidade de Deus aqui tinha, em média, entre 40, 50, 60 mortes por mês. Era esse o número. Muita gente que morria. Estou falando a nível de Cidade de Deus, não só [da região dos] Apartamentos. Essa média aí.

J: Hoje morre um por semana.

L: Nem um por semana morre.

J: Morre. No Karatê? Agora, hoje, é o que eu estou falando para você. Morre gente toda semana aqui. (...) Eu passei na ponte do Karatê esses dias, eu estava ali na ponte e os caras estavam arrastando um cara pelo chão, só socão, querendo levar ele lá para dentro dos barracos. Eu liguei para o policial, liguei para a UPP. “Irmão, está acontecendo um negócio aqui”, chamei a polícia. “Espera aí, a gente vai fazer um boletim aqui, uma ocorrência aqui”. Eu: “meu irmão, quando você chegar, você não vai encontrar nem o osso do cara.” É aquela coisa burocrática, aquela coisa... E isso traz medo, cara, traz medo. (...) A gente tem, mas a gente não tem recurso, a gente não tem essa confiança no recurso que foi imposto para a gente. A gente se sente mais sitiado do que protegido. A verdade é essa!

L: Isso é verdade!

J: Cara, por incrível que pareça. Pessoal fala assim: “poxa, na Cidade de Deus a morte baixou.” Baixou, mas não deixou de ter morte. Morre gente toda semana na Cidade de Deus e você procura na estatística, no boletim de ocorrência, não tem. Aquela menina que morreu lá na 13, uma menina que era da nossa igreja, ela morreu, traficante matou ela. Não teve nem RO, Registro de Ocorrência. Não saiu no jornal. Aí vem o capitão da UPP falar que na Cidade de Deus o índice de morte abaixou em quase 99%. Abaixou nada! Tem pessoas que são mortas a pedradas no Karatê. Eles cortam as pessoas e jogam no meio daquele pântano lá, daquele brejo lá. Então fica

uma coisa muito oculta no nosso meio e nós ficamos preocupados com isso, porque, na verdade, os policiais não passam segurança nenhuma. Alguns policiais são despreparados. Eu não falo com os policiais. Eu não falo não naquela questão de pedir recurso, porque a gente sabe que não tem como. O governo não se preocupa com o povo. *A UPP não está aqui para proteger a gente, não. Eles estão aqui para proteger o território.* Interessante para eles é controlar o território, não trazer segurança para nós. Tem policial que se preocupa, por exemplo, com som alto, cara. É uma cultura que a gente tem, a pessoa tem, de ouvir som alto. Tem policial que se preocupa com festa, se preocupa com coisas banais, que são coisas que já são do nosso cotidiano. E, ao mesmo tempo, eles não correm atrás do que deveriam correr!

Como a fala do morador evidencia, parece estar tornando-se cada vez mais intensa entre a população das áreas “pacificadas” a percepção de que os policiais da UPP estão fazendo “corpo mole” e já não vêm mais se empenhando para evitar que ocorram crimes nas favelas. Muitos moradores associam o aumento da venda de drogas e a volta do fortalecimento dos traficantes a um outro processo que estaria simultaneamente ocorrendo nas favelas com UPP: a volta da corrupção.

9.3. A volta da corrupção policial

Desde que a major Priscilla Azevedo deixou o comando da UPP do Santa Marta começaram a circular rumores de que os policiais estariam pedindo propina para “afrouxar” o policiamento do morro. Entre o final de 2010 e o início de 2011, por ocasião da troca de comando e Andrada assumiu a primeira UPP da cidade, muitos moradores começaram a notar que os policiais já não faziam mais rondas pelos becos e que só ficavam sentados dentro das viaturas ou parados em pontos fixos. Como apontou um morador da favela de Botafogo:

Se os caras estão voltando a mostrar arma, isso é quando o policial dá motivo. Ele mesmo deixa de fazer o serviço dele. Se ele sabe que tem, se ele faz a averiguação correta, não vai dar motivo. O cara vai vender escondido, não vai botar fuzil, não vai botar pistola. Mas se não tiver, se tiver a possibilidade de mostrar a arma, a droga, ele vai mostrar. (Trecho de entrevista com um morador do Santa Marta)

Na Cidade de Deus os moradores narram que também perceberam que o policiamento foi “afrouxando” com o passar do tempo e associam esse relaxamento ao aumento da corrupção entre os policiais da UPP. Durante uma entrevista gravada

com dois moradores, um disse que “no início foi forte. Se continua nessa pegada, o negócio ia ficar feio. Só que eles afrouxaram”. O outro concordou e acrescentou que:

com o decorrer do tempo, o que aconteceu com a gente, com os moradores e com [em] algumas UPPs os moradores veem que eles são policiais corruptos e não estão nem aí para... Tem policial que chega ali na minha porta e fica na viatura. Policial fica ali de 7h da manhã até 7h da noite sentado dentro do carro, deitado. Deitado! Aí na esquina, na frente, estão os caras ali vendendo pó. Desmoraliza. A gente não consegue acreditar. (Trecho de entrevista com um morador da Cidade de Deus)

Tanto no Santa Marta quanto na Cidade de Deus ouvi especulações de que policiais da UPP estariam recebendo propinas por motivos diversos. Relatos apontavam que alguns PMs estariam pedindo “gorjetas” de comerciantes da favela e de “produtores culturais” para permitir a realização de festas, para não obrigar que elas terminassem no horário imposto pelo comando local ou mesmo para não fiscalizar o que ocorre durante esses eventos.

Um jovem do Santa Marta, que já foi envolvido com o tráfico mas que virou evangélico, contou que alguns policiais o procuraram para pedir “uma cervejinha” para garantir que rolasse “de tudo” no bar que ele trabalha. Ele disse que entendeu que eles estavam falando que “ia poder rolar droga”, mas fez questão de perguntar o que aquilo significava, porque ele não tinha envolvimento nenhum, que era “um homem de Deus”. Eles apontaram para as tatuagens dele – uma delas, feita na época que ele era ligado ao “mundo do crime, é de um palhaço com um cigarro na boca” – e perguntaram se aquilo era coisa de um “homem de Deus”. Eles disseram rindo que iam acreditar que ele era crente, mas que era para ele avisar aos amigos que frequentavam o bar que “queriam um agrado” para “tudo rolar solto” nas festas que eles faziam ali no final de semana. Ele mais prudente não discutir e preferiu sair de perto dos policiais, mas acrescentou que ficou revoltado e decepcionado, pois “não sabia que as coisas estavam voltando a ser assim no morro”.

Na Cidade de Deus também ouvi relatos semelhantes. Um morador que trabalhava na quadra de uma escola de samba da favela contou que policiais que atuavam no comando da UPP estavam pedindo um valor fixo por semana para liberar que eventos ocorressem no local. Caso o valor não fosse pago, eles não dariam autorização para que nenhuma festa fosse realizada no local.

Além de cobrarem para liberar eventos, moradores apontam que policiais também estariam cobrando para “liberar” a venda de drogas na favela. Jairo, morador

de 37 anos da Cidade de Deus, afirmou que “têm uns (policiais) que estão aqui para ficar 30 dias só para receber o dinheiro”. Jairo disse que, na visão dele, os traficantes estavam em uma posição muito confortável porque:

A UPP trouxe um benefício para o tráfico. Tudo é [um]a faca de dois gumes, não é? Dois pesos, duas medidas. Ela, por incrível que pareça, ela trouxe um benefício para o tráfico. O tráfico hoje, ele ganha dinheiro. Antigamente tinha que ter arrego, tinha que ter arma, tinha uma preocupação intensa com traficante de outra área. Hoje em dia não tem, cara. A UPP, ela fez a segurança do tráfico. Ainda tem arrego, algumas viaturas, agora... dependendo do plantão. Como sempre teve, só que agora é mais barato do que era antes. (Trecho de entrevista com um morador da Cidade de Deus)

Os traficantes que entrevistei na Cidade de Deus confirmaram que realmente estava havendo um progressivo aumento da corrupção na favela nos últimos anos. Mas um deles destacou, em 2012, que ainda não estava “rolando” tantos “arregos” fixos – ou seja, o pagamento de um valor preestabelecido por semana ou por mês – como antes. Ele disse que o que estava ocorrendo de modo mais generalizado eram os casos em que os policiais pegam alguém vendendo drogas e pedem dinheiro para liberar a pessoa, sem levar para a delegacia:

Quando pega com uma coisa assim, dependendo de quem for, se já rodou alguma vez, se está devendo eles, se tiver devendo eles levam, se não estiver devendo... Por exemplo, me pegou, não sou pichado e ele me pegou, vai ser a primeira vez que eles vão me pegar. Aí eles pedem um dinheiro, R\$1.000,00, R\$2.000,00, vai um dinheiro para as mãos deles, eles me soltam. Aí no plantão deles eu já sei que estou pichado, porque eles tiram foto. Aí eu não vou dar mole na rua. É assim que acontece. Tem um montão hoje aí que não está na rua, amanhã vai ter um montão que não vai estar na rua e o de hoje já vai estar, é assim. Os caras vão ficando pichados e começam a sumir da rua, no plantão do cara. Igual o Fulano, ficou sabendo? Rodou três vezes para o mesmo policial, dentro de 15 dias. (Trecho de entrevista com um traficante da Cidade de Deus)

Como alguns traficantes ficam muito em evidência e são pegos muitas vezes por policiais – o que acaba dando prejuízo para a “boca”, porque perdem a carga de droga e ainda têm que dar dinheiro para o policial para ser liberado –, eles acabam sendo “desativados”, ou seja, são desligados do tráfico. Segundo eles, “ser desativado” significa ser obrigado a parar de trabalhar para o tráfico naquela área:

A gente manda “vai trabalhar que não está dando para você, não”. A gente manda sair mesmo de vez. Mas nunca sai. Porque sai daqui, mas lá (em outra região da Cidade de Deus) deixa. Aí quando começa a ter prejuízo de lá, tira de lá também. Geralmente vai para outro lugar. O cara que vacila aqui na Treze, ele tem vaga garantida lá no Karatê. Mas vai dar prejuízo porque está pichado. Porque tem gente que, tipo assim, gosta de botar a

cara. Tipo assim, você rodou para o cara hoje. Você sabe que amanhã, depois de amanhã, é plantão do cara. Você vai ficar na rua fazendo o que de bobeira? O cara te pegou hoje, já te conhece. Aí te pegou de novo... Depois que leva o primeiro malote, parceiro... já era, vai querer pegar você sempre. Então, tem que ficar esperto. (Trecho de entrevista com um traficante da Cidade de Deus)

Mais recentemente, em 2014, ouvi relatos de moradores da Cidade de Deus de que na favela estaria havendo “arregos” por rua. Como “arregar” a favela toda, atualmente, exige uma engenharia muito complexa, é mais fácil para os traficantes conseguirem acertar com certos plantões um valor fixo para que eles não circulem por determinadas ruas.

Um de meus informantes disse que depois de certo horário, traficantes estão “fechando” algumas ruas da favela. Policiais dos plantões “arregrados” não circulam por essas ruas durante o horário acordado que, geralmente, inclui toda a madrugada. E, além de não haver circulação de carros nessas ruas, elas costumam ficar completamente escuras. Meu informante argumenta que os traficantes estariam articulados com funcionários da Rio Luz (que são moradores da favela ou que têm relação com lideranças locais) para garantir que as lâmpadas dos postes dessas áreas que foram propositalmente quebradas não sejam trocadas.

Segundo meu informante, os traficantes preferem que essas ruas fiquem escuras por dois motivos: o primeiro é que a rua escura cria um “clima de boate” para a realização de festas que contam com equipamentos de luz negra e luz colorida; o segundo motivo é que a escuridão dificulta que moradores vigiem as atividades do tráfico nessas áreas. O morador apontou que, em uma rua totalmente escura, é muito mais difícil que alguém consiga tirar foto ou filmar as atividades do tráfico sem ninguém notar para que seja feita uma denúncia anônima.

Além do recebimento de “arregos”, policiais cometem outros atos que são condenados por muitos moradores. Ouvi, por exemplo, várias pessoas reclamando que policiais “forjam flagrantes”. E, em uma conversa informal um PM, contou que isso, de fato, ocorre às vezes. Ele fez questão de justificar porque ele e outros colegas da UPP sempre andam com uma pequena quantidade de drogas no bolso. Segundo ele, “carregar o flagrante” é importante porque às vezes eles estão tentando capturar um traficante e no momento da fuga, o “bandido” entra na casa de moradores. Teoricamente, os policiais não poderiam entrar na casa de moradores sem mandato, mas eles entram. Só que o policial confessou que ter um flagrante no bolso nesses

momentos é importante, porque se o morador reclamar da “invasão”, o policial pode justificar que entrou ali porque recebeu uma denúncia de que havia droga escondida ali. Daí muito provavelmente o morador dirá que a denúncia não faz sentido, mas o policial logo “achará” a droga na casa do morador, dificultando assim que o dono da casa apresente qualquer denúncia em relação à invasão da casa dele.

Durante as entrevistas que fiz com traficantes, alguns deles afirmaram que policiais também usam esses “flagrantes” para forjá-los. Eles disseram que os policiais sabem que são envolvidos com o tráfico e ficam monitorando a movimentação deles. Mas como eles “não dão mole” e evitam andar com drogas ou armas, os policiais não conseguem pegá-los em flagrante. Então, depois de abordá-los várias vezes sem conseguir pegar nada para incriminá-los acabam “plantando drogas” no bolso ou em alguma mochila que os traficantes estejam carregando para, assim, poderem ter a prova que precisam para levá-los presos.

Outra prática ilícita cometida por alguns policiais da UPP é a “compra de X9”. O mesmo policial que me contou sobre o “flagrante” que sempre costuma carregar, confessou que às vezes depois de dar “duras” em viciados, ele entrega o número do celular dele para os usuários de drogas e oferece que se eles entregarem algum traficante ou algum local onde estão escondidas as drogas, eles serão recompensados. Perguntei como essa recompensa é feita e o policial me contou que, algumas vezes, viciados já entregaram para ele o lugar certo onde havia droga escondida. Para recompensar o delator e incentivá-lo a lhe passar mais informações, o policial conta que deu uma parte da droga apreendida ao viciado.

Quando ele fez essa afirmação perguntei se já havia ouvido falar de algum caso em que alguns desses X9 tivessem sido descobertos por alguém do tráfico. Ele falou que na favela onde trabalha nunca soube disso, mas que já tinha ouvido uma história de que em outra favela “pacificada” o dono do morro ofereceu um grande montante de dinheiro para policiais “venderem” o X9 para ele, ou seja, contarem quem era que estava passando informações sobre o tráfico para os agentes da UPP. Segundo ele, os colegas policiais aceitaram o dinheiro, pois se tratava de uma quantia alta e, posteriormente, ficaram sabendo que o X9 em questão foi assassinado pelos traficantes.

Essa prática de “compra” e “venda” de X9 é conhecida pelos moradores da Cidade de Deus, por exemplo. Eles contam que sabem que “não dá para confiar completamente nem nos bandidos nem nos policiais” e relatam que com a circulação

de rumores sobre o aumento desse tipo de prática a população sente-se cada vez mais desestimulada a fazer denúncias e a colaborar com o trabalho dos policiais.

Moradores dizem que sabem que alguns “plantões” da UPP estão recebendo “arregos” sistemáticos e outros não. Sabem que alguns policiais são honestos e outros corruptos. Mas como não é possível ter 100% de certeza em relação a quem está “fechado” ou não com o tráfico, as pessoas preferem não se arriscar fazendo denúncias. Como explicou um morador da Cidade de Deus:

Aí a gente tem algumas ideias – algumas pessoas têm algumas ideias, uma iniciativa -, [mas] a gente não pode fazer uma denúncia, não pode parar para conversar, não pode encarar para... Não pode denunciar porque você fica desconfiado. Porque os policiais vendem quem denuncia para os meninos. Já ouvi casos assim na UPP. De morador denunciar venda de drogas e os policiais entregarem quem foi o X9 para os caras. (Trecho de entrevista com um morador da Cidade de Deus)

Vale notar ainda que junto com os rumores sobre o (re)fortalecimento do tráfico e do aumento da corrupção começaram a circular novamente na favela, nos últimos dois anos, rumores – que tinham circulado no início do processo de “pacificação” – de que moradores que falam com policiais ou apoiam a UPP estariam sofrendo represálias. Por tudo isso, várias pessoas, tanto do Santa Marta quanto da Cidade de Deus, que inicialmente tinham perdido um pouco do medo de se aproximar da UPP – no período em que tinha ocorrido a “acomodação” dos conflitos e esse tipo de intimidação tinha reduzido –, dizem que agora preferem evitar, novamente, falar sobre ou falar com a polícia dentro das favelas com UPPs. Como resumiu um morador da Cidade de Deus:

eles começam a pegar confiança de pensar “olha, já fizemos isso, já demos coroa em um, o fulano de tal, nós matamos”. Então, aos poucos aumenta a crise das UPP e está tudo voltando a ser como antes. Se eu já evitava falar com os policiais – e quando falava, olhava em volta pra ver se dava ou não dava pra falar –, hoje procuro falar menos ainda! (Trecho de entrevista com um morador da Cidade de Deus)

9.4. A “crise” das UPPs

A percepção de que o projeto das UPPs estava “começando a entrar em crise” intensificou-se em 2012, quando foram inauguradas UPPs na Rocinha e nas favelas do Complexo do Alemão e da Penha. Nessas localidades, a polícia encontrou muito

mais dificuldade para promover a “pacificação” e isso de certo modo abalou a imagem do projeto como um todo. Como narrou um morador da Cidade de Deus:

Não sei se alguns lugares o projeto teve o mesmo sucesso que aqui. Eu digo assim, o sucesso, o retorno. Porque, por exemplo, o Santa Marta e numa parte da Cidade de Deus. É que nem no Complexo do Alemão. Complexo do Alemão – não sei se você já foi lá, no Complexo do Alemão –, os caras estão correndo atrás dos policiais da UPP. Os policiais, tem área no Complexo do Alemão que os policiais não passam. Está aquela mesma coisa, só que fica aquela convivência. Aí, por outro lado, o que o policial faz? “Meu irmão, eu não vou perder minha vida por causa de oitocentos e poucos reais. Eu não vou deixar meu filho órfão.” A UPP no Complexo do Alemão está assim. Os caras estão correndo atrás da polícia. Por que ninguém fala isso? Por que não mostra essa...? Tem pessoas que, quando a UPP chegou no Complexo do Alemão, eles dizem que morreram nove ou dez. Morreram mais de cinquenta. Sabe como é que nós sabemos? O menino que congregava aqui na nossa igreja morreu lá. Estava dormindo em casa, os policiais chegaram, falaram assim: “olha, ele era traficante.” Os policiais foram e mataram ele. Não saiu no jornal, não saiu em nada. Quando veio aquele impacto, que o Bope saiu, entrou a UPP, os caras mataram mais de 100 pessoas. Então quando a UPP, ela chegou, quando saiu aquele impacto do Bope, os caras mataram mais de 50 pessoas lá no Complexo do Alemão. Expulsaram famílias inteiras. Porque foram pessoas que se prontificaram a ajudar. Então essa é a nossa preocupação. É a preocupação que permeou aqui e a gente sabe que o tráfico ainda está aqui. Então, será que daqui a pouco aqui vai entrar no mesmo ritmo de lá? (Trecho de entrevista de um morador da Cidade de Deus)

A expansão da UPP para essas favelas maiores gerou preocupação não só nos moradores de áreas já “pacificadas”, mas também nos policiais que atuam nesses locais. Em 2013 fiz uma entrevista com o comandante da UPP do Santa Marta, o capitão Rocha, e ele se queixou que agora o efetivo de policiais é constantemente reduzido, pois ele tem que ceder PMs alocados nessa favela para que eles reforcem essas UPPs mais recentes e mais “problemáticas”:

Hoje o nosso efetivo é de 108 policiais. Por dia a gente tem a média de 15 policiais. Aí cede três, quatro, então fica com oito, 10 policiais. É muito pouco. Precisaria ter mais. Mas assim mesmo dá conta. Alguns locais, alguns becos, algumas vielas que eles costumam ficar, às vezes são dois, três locais. Então eu só vou ter um, dois policiais para poder rodar esses locais. Eu preciso ter policiais nos acessos para poder dar tranquilidade para quem passa. Tem moradores que chegam do trabalho e aí esses locais são redutos deles eu preciso ter também, mas não é tão importante quanto os acessos. Porque se eu boto ali e eu não consigo resolver o problema e não tiver policial no acesso, o morro vai ficar desesperado. “Cadê o policiamento? Não tem mais policial”. Tendo ali, eu sei que tem policial e mesmo que tenha algumas coisas ali, é muito melhor eu não ir ali sabendo que tem policiamento ali embaixo do que eu não ver nenhum policiamento aqui embaixo. Porque vai que lá também continua ruim e aqui embaixo não tem ninguém. Eu bato muito nisso com eles. Naquela descida ali da administração, aquela escada ali, passa praticamente 80% da população. No horário da pessoa ir trabalhar e chegar do trabalho, tem que estar ali

naquela escada, ou na borda da estação, ou naquela escada ali em frente ao PPC, ou no larguinho da padaria. A viatura da Jupira tem que estar lá também e a da praça também. Então todo mundo que passa vê a polícia, não tem como não ver o policial. (Trecho entrevista com o Capitão Rocha, comandante da UPP do Santa Marta)

Como destaca Rocha nessa fala, a questão da visibilidade do policiamento é muito importante para que os moradores tenham a sensação de que o morro está seguro. Esse sentimento, segundo o comandante, estava ficando abalado porque os traficantes estariam voltando a estabelecer bocas de fumo em lugares fixos na favela, pelos quais os moradores estavam evitando circular:

A gente percebe que, em alguns pontos da comunidade, existe uma presença hoje, especificamente, de menores parados em certos locais que a gente sabe que são pontos de consumo, possíveis pontos de venda, de forma mais ostensiva, mais demasiada; coisa que quando a gente estava aqui não tinha. A gente percebeu, [...] voltei aqui e tive contato com os moradores e com os policiais é que eles mudaram um pouco o *modus operandi* de vender a droga. Pessoas que antes ficavam de frente vendendo, eles agora não estão mais ficando por já terem atingido a maioria ou já terem ficado presos, já serem pessoas conhecidas dos policiais, eles estão colocando menores para ficar vendendo, para ficar olhando. Olhando os menores já ficavam, mas agora os menores estão vendendo, com posse de material entorpecente e aí um garoto de 12, 13, 14 anos, ele corre nas escadarias, se embrenha em um buraco desses, a gente com colete, com arma, não vai correr. E às vezes isso acaba até revoltando o policial. Às vezes uma criança dessas de 14, 15 anos, corre 15, 20, 50 vezes de um policial que nunca vai conseguir pegar. E aí o policial sabendo que é uma criança que não está armada, ele se sente impotente. Vai chegar um dia que ele, de repente, não está bem, com problema em casa, alguma coisa, e vai dar um tiro para o alto para ver se, de repente, aquela criança, aquele menor, vai parar, vai se assustar e ficar parado. Na corrida não vai pegar nele. Então foi mais uma mudança da forma de atuação do tráfico, que aparentemente, aumentou as vendas dele, deu uma fortalecida nele, e aí eles começaram a demarcar um território em locais que a gente sabe que são locais de boca de fumo e a gente percebeu que os moradores pararam de passar e frequentar os locais por esse receio. Foi uma percepção que eu tive bem superficial nesse período que eu voltei, cheguei. Mas é algo que facilmente a gente vai combater só que a gente não tem aquela preocupação de resolver de uma hora para outra. Se fizer de uma hora para outra vai ter trauma, vai ter desgaste. A gente vai ficar mais presente ali, eu vou pedir para os meus supervisores exigirem a presença de policiais ali. O problema da falta de efetivo, a gente tem que apoiar Alemão, apoiar outros batalhões. (Trecho de entrevista com o capitão Rocha, comandante da UPP do Santa Marta)

Através de uma denúncia, o comandante da UPP do Santa Marta descobriu em 2013 que traficantes estavam usando um prédio que estava sendo construído pelo governo do Estado dentro do Santa Marta para fazer a “endolação”, isto é, preparo da carga de droga recebida, sua mistura com outras substâncias para aumentar a

quantidade e sua embalagem para venda na favela. Segundo Rocha, a polícia apreendeu no local “uma quantidade boa de material entorpecente”.

Um é o vigia, que o pessoal fala que é usuário, estava meio ali só para poder usar a droga mesmo, estava de bucha; tinha um outro que veio da Bahia recentemente que só estava usando o espaço para dormir, pessoal estava falando também que não tinha relação, que os outros dois sim. Um era [...] gerente da cocaína no morro, era um dos que mandavam mais e o outro era um garoto mais novo, garoto faz-tudo, mas que também já estava despontando, já estava ameaçando os outros, agredindo. Já estava querendo se impor dentro da comunidade como liderança. Então para eles foi uma baixa muito grande, para a gente foi muito bom. E os moradores sabem, já sabiam disso. Quando a gente prende, assim, a gente *renova a confiança* dos moradores na gente. (Trecho de entrevista com o comandante da UPP do Santa Marta)

Na mesma época, contudo, aconteceram outros episódios que fizeram os moradores *renovarem a desconfiança* em relação à UPP. Depois de quase 5 anos sem nenhum disparo de arma de fogo, em 2013, ocorreram disparos de tiros na “favela-modelo”. Quando perguntei para o capitão Rocha sobre esses casos, ele disse que:

Aqui outro dia teve uma coisa de um tiro para o alto. Teve dois episódios: um que pegou em uma criança e o outro que alguém correu e o policial de um tiro para o alto. Foi de noite isso, nove e pouca. A rua cheia de criança, o policial deu um disparo para o alto. Fiquei sabendo disso. Pode ter tido uma mudança de filosofia de trabalho²⁵³, de repente de supervisão, de acompanhamento, de preocupação com certos detalhes que, de repente, um teve e o outro não, mas de voltar a ser o que era... Está muito longe de ser o que era. Um morador correr e um policial, de repente, se desesperar, querer que ele pare e dê um tiro para o alto, é muito mais um despreparo, uma afobação, do que falar que vai voltar a ser o que era. É porque a gente ficou aqui anos sem dar um tiro, aí o policial deu um tiro e todo mundo vê, aí... “Ai, meu Deus, tiro! Vai voltar a ser o que era. O policial vai matar bandido, o bandido vai voltar a andar armado e vai voltar a ser o que era.” (Trecho da entrevista com o capitão Rocha, comandante da UPP do Santa Marta)

²⁵³ Rocha não estava comandando a UPP na época que o disparo ocorreu, contudo, logo depois, voltou para assumir o comando da UPP do Santa Marta. Na época, circulou o rumor de que ele teria sido chamado de volta por causa do disparo. Perguntei a ele se isso era verdade e ele respondeu que: “– Na verdade, eu não sei ao certo por que eu voltei. Não foi passado “você voltou por isso”. O comandante, quando me chamou lá para poder falar que eu ia regressar, ele comentou que houve algumas falhas aqui do comando anterior e que foi necessária a mudança. Veio uma ordem superior a ele, uma ordem do comando geral da polícia para que houvesse a substituição. O subcoordenador, que é quem trabalha nessa parte operacional, que mexe com os comandantes, falou que não queria que fosse eu, que tem outras UPPs, que poderia escolher um outro comandante para vir para cá, que eu estava bem no Macacos, estava iniciando um trabalho lá, estava indo muito bem, e aí [...] “não, tem que ser o Rocha.” Aí você tem mais 37 UPPs lá e você escolhe um outro capitão para ficar no Macacos, mas lá no Santa Marta tem que ser o Rocha”. Então, lá podia ter muito mais uma questão política, uma influência política que a comunidade tem, aqui foi a primeira, aqui é a UPP modelo, então existe uma preocupação do próprio comando da polícia de que aqui nada dê errado, tudo dê certo. E por eu ter ficado aqui bastante tempo, ter um reconhecimento mais da comunidade, eles confiam no meu trabalho, todo mundo”.

Durante uma entrevista, realizada em 2013, com Duda – um morador do Santa Marta que eu conhecia desde o início do meu trabalho de campo – soube que um outro caso de disparo de arma de fogo tinha ocorrido na favela. Ele me contou que o sobrinho dele tomou um tiro no Cantão durante uma festa. O tiro foi disparado por um traficante por causa de uma disputa pessoal dele que, segundo Duda, “envolvia mulher, não tinha nada a ver com tráfico mesmo não”. Na entrevista Duda ressaltou que o caso foi abafado pela UPP e não ganhou muita repercussão:

Na verdade, foi realmente uma coisa que não houve uma reportagem, porque foi uma coisa de madrugada. Então nesse negócio de ser de madrugada acabou abafando mesmo no horário... É um horário que está todo mundo dormindo e só deu aquele negócio de BO, aquela coisinha que tem que dar mesmo. Você não tem para onde fugir. Então teve esse negócio, tanto que eles mesmos já pegaram, já levaram. Tanto que deixaram, quando acontece essas coisas assim de facada, tiro, eles geralmente deixam um policial, deixavam um policial lá 24 horas, ficou acho que uma semana no hospital. Então quando eu vim para casa, eles vieram e conversaram comigo, tentando abafar mesmo... Na verdade, se desse uma reportagem ia queimar o mundo. (Trecho de entrevista com um morador do Santa Marta)

Na Cidade de Deus, os moradores têm a percepção de que a ocorrência de disparos de arma de fogo e de confrontos armados na Cidade de Deus cresceu muito nos últimos anos. Quando entrevistei o comandante da Cidade de Deus, ele disse que em 2012 tinham ocorrido “apenas três conflitos armados na favela”. No ano seguinte, contudo, os moradores apontam que os confrontos tornaram-se muito mais frequentes, o que ajudou a consolidar a percepção dos moradores de que “está tudo voltando a ser como antes”. Como explicou um morador da Cidade de Deus:

É tudo uma questão de aos poucos. Não é de uma hora para outra. Mas de uma hora para outra eles começam a pegar confiança de pensar “olha, já fizemos isso, já demos coro em um, já demos coro em outro. O fulano de tal, nós matamos”. Ai você está em casa e tem que se jogar no chão porque começa a ouvir tiros... Então, aos poucos parece que tudo vai voltando a ser como a ser como antes! (Trecho de entrevista com um morador da Cidade de Deus)

Em 2014, os moradores da Cidade de Deus relataram que voltaram a ocorrer ocupações policiais na favela. A realização dessas operações que são realizadas pela polícia civil e/ou militar, com apoio do Core e até de helicópteros da PM gera um sentimento ambíguo nos moradores. Por um lado, algumas pessoas sentem-se satisfeitas por acharem que a volta das operações é um sinal de que os policiais estão

tentando reprimir o tráfico nas áreas “pacificadas”. Mas, por outro, alguns moradores ficam desconfiados, pois o fato de a polícia civil fazer operações em áreas que estão “pacificadas”, como ocorreu em dezembro de 2014 na Cidade de Deus, é considerado um sinal de que a “polícia de proximidade” não está dando certo e de que tudo parece estar voltando a ser como antes.

Agentes da 32ª DP (Taquara) realizaram na manhã desta terça-feira uma operação para cumprir 13 mandados de prisão e de busca e apreensão na Cidade de Deus, na Zona Oeste. Quatro pessoas foram presas, entre elas duas mulheres de líderes do tráfico na região. Os policiais foram recebidos a tiros na localidade conhecida como “Karatê”. A ação contou com 15 equipes de outras delegacias, policiais da Coordenadoria de Recursos Especiais (Core), da UPP que atua na comunidade e um helicóptero da PM. De acordo com o delegado Rodolfo Waldeck, as incursões na comunidade – que conta com uma UPP – têm sido frequentes para reprimir o tráfico de drogas na região. Na ação de hoje, um carro roubado, drogas e munição foram apreendidas. No total, 20 mandados de prisão foram expedidos, sendo que sete deles já haviam sido cumpridos anteriormente. Entre os quatro presos de hoje estavam duas mulheres que são companheiras de criminosos da região, entre eles Luciano da Silva Teixeira, o Sardinha, apontado como o chefe do tráfico, e Jardel Teixeira de Oliveira, irmão de Sardinha. Ambos já estão presos. Por conta da operação policial, uma creche da rede municipal, que atende 100 alunos, está fechada. Já a Secretaria de Estado de Educação afirma que todas as suas unidades na região da Cidade de Deus estão funcionando normalmente. (Trecho da reportagem “Operação da Polícia Civil prende quatro na Cidade de Deus” publicado no jornal *O Dia* de 09 de dezembro de 2014)

9.5. “Está tudo voltando a ser como antes”

É importante notar que embora a sensação de que tudo está voltando a ser como antes exista tanto entre os moradores da Cidade de Deus como os do Santa Marta, o “ritmo” nessas duas favelas certamente não é o mesmo. Na Cidade de Deus um morador afirmou, recentemente, que “o ritmo na favela tá mudado. Domingo os moleques estavam aí, pesadão, com várias pistolas. O ritmo tá diferente, tem pistola pra caraca. Domingo então, tu vê todo mundo armado”. No Santa Marta nunca ouvi afirmações desse tipo, embora existam rumores de que alguns traficantes estejam voltando a andar armados, mas de um modo bem menos ostensivo do que na Cidade de Deus.

Em relação à lógica da volta das operações também há uma grande diferença entre as áreas “pacificadas”. Enquanto na Cidade de Deus houve no fim de 2014 uma operação para prender traficantes, no Santa Marta houve um “treinamento” do Bope nesse mesmo período. É importante notar que são usados diferentes termos para fazer

referência à atividade policial nesses dois casos. O termo “treinamento”, por um lado pode sugerir que a favela está “calma”, pois se não tivesse não seria possível fazer um “treinamento” no local. Se o Bope entrasse em uma favela com um “clima tenso” seria para fazer “uma operação de verdade” e não um treinamento. Mas, por outro lado, a presença do Bope gerou um clima de tensão entre os moradores:

Sobre o treinamento do Bope aqui na favela só tenho escutado notícias ruins. Nosso presidente anunciou o treinamento na semana no microfone e que era pra todos ficarem tranquilos que era somente treinamento deles + o ritmo foi outro. Moradores, crianças e geral de cara na parede, trabalhador foi levado sem muitos motivos, tapas e socos na cara, olhando pra eles tinha a resposta... tá olhando o que? Rala daqui... crianças e meninas pequenas sendo revistadas e de cara na parede e mãos pro alto. Esse foi o treinamento anunciado da Bope na favela ontem. Doideiraaaa. Quem tiver mais algo sobre ontem posta aqui. Coloque os casos sérios presenciados por vcs. Jose Mario Hilario Dos Santos e Márcio Rocha ficaram sabendo de diversos abusos ontem da Bope aqui na favela? Muitas famílias indignadas. Fui parado por várias pessoas reclamando do treinamento de ontem que achavam que era algo até curioso de assistir mais a realidade não foi nada assim. Será esse treinamento de terror que vai ser ensinado para os novos policiais? Esse tipo de treinamento é aplicado em Ipanema ou no Leblon? GZuis... #sinistro #tenso. (Relato postado por Thiago Firmino, morador do Santa Marta, no Facebook em 30 de outubro de 2014)

Este *post* publicado pelo morador do Santa Marta no Facebook gerou grande repercussão. Mais de cem pessoas fizeram comentários manifestando-se contra a realização do “treinamento” e falando que era um absurdo a polícia continuar agindo com truculência, “ainda mais em uma favela pacificada”. O presidente da Associação de Moradores do Santa Marta, Zé Mário Hilário, escreveu um comentário também no Facebook dizendo que tinha entrado em contato com o comando do Bope e que as pessoas que tinham sido agredidas deveriam entrar em contato com a associação para apresentar uma denúncia. No entanto, muitos moradores comentaram que quase ninguém iria denunciar, pois têm medo de fazer denúncia contra a polícia e depois serem perseguidas por PMs dentro e fora da favela. Thiago Firmino, que escreveu o primeiro *post* sobre o tema, postou um outro comentário no Facebook, lamentando a atuação do Bope no morro:

(...) A major Priscilla me ligou e também perguntando sobre e informei o que as famílias me falaram e os jovens. Sabemos que muitos têm medo e não vou questionar e obrigar as pessoas a irem a frente de comandantes falar e apontar quem abusou na operação, quem deu pescoção e quem foi que tomou socos na costela dentro do bar e isso e aquilo. (...) Muitos vão me julgar e isso e aquilo mais postei os fatos que aconteceram ontem, mesmo que ninguém ou quase ninguém fale nada nas redes por MEDO. O

mesmo foi quando foram presos 3 jovens a uns 5 a 6 meses atrás. (...). Cada paga por seu erro cometido, só não podemos aceitar que jovens apanhe na favela e que isso seja tratado com normalidade, já que está pacificada e não teria a necessidade das agressões. (...) Precisamos de tempos de paz e que essas tensões não voltem mais. Temos 113 policiais na UPP e tudo está tranquilo até o momento, então pra que recebermos um treinamento onde vamos ter que passar por sustos e coisas desagradáveis??? Eu não quero fazer parte desse treinamento... obrigado. (Trecho do comentário postado por Thiago Firmino, morador do Santa Marta, no Facebook em 30 de outubro de 2014)

Alguns dias após o “treinamento”, ouvi uma moradora associando essa ação do BOPE a um rumor que estava circulando pelo Santa Marta: a favela poderia ser invadida por traficantes da ADA (Amigos dos Amigos) – uma facção rival do Comando Vermelho. Essa especulação começou a circular na favela em setembro depois que surgiram relatos de que o Morro Tabajaras teria sido invadido pelo ADA com apoio da UPP. Como o “dono” do tráfico no Santa Marta também é “dono” do Tabajaras, muitas pessoas começaram a especular que a favela de Botafogo poderia ser o próximo alvo da ADA. Por causa desses rumores, começou a surgir um clima de tensão na favela.

Na noite de 26 de setembro, uma “movimentação estranha na favela” gerou a desconfiança dos moradores que começaram a especular pelo Facebook o que poderia estar ocorrendo. Um morador do Santa Marta comentou que tinha um “helicóptero sobrevoando o Santa Marta e o Tabajaras muito misterioso!”. Depois repetiu: “helicóptero todo apagado! Só escuta o barulho! O bagulho tá doido! É o caverão voadoar!”. Outros moradores também fizeram muitos comentários especulando porque o helicóptero estava sobrevoando as duas favelas:

Alemães invadiram o Tabajaras, por isso a polícia tá tensa;
Alguma coisa errada, que não pode esta certa;
Esse me parece o de observação pra quem ta em terra fazendo operações receber as coordenadas. Luz internas apagadas impossibilitando saber a localização;
Uma amiga lá do Tabajaras hj cedo comentou comigo q tá rolando um papo lá sobre uma possível invasão;
Só deve esta monitorando daquela câmara de calor, o helicóptero esta 100% apagado;
Me parece que mudou o cozinheiro no Tabajaras;
Vamos ter cuidado com o golpe militar eles estão vendendo nossa área pra outra facção criminoso. E isso veio da própria boca do PM.
(Trechos de comentários feitos no Facebook no dia 26 de setembro de 2014)

Em uma outra noite acabou a luz no morro, algo que não é muito incomum ocorrer, mas como o clima estava tenso, vários moradores relataram que ficaram em pânico, achando que a invasão da ADA poderia ocorrer naquele dia. Uma moradora que havia se mudado, há pouco tempo para o Santa Marta, me contou que nesse dia resolveu sair de casa e só voltou para a favela três dias depois. Ela narrou que não está “acostumada com essas coisas de invasão igual aos moradores que são nascidos e criados no morro”. Ela disse que ficou imaginando por onde os traficantes da ADA podiam entrar e como ela ia fazer para conseguir se proteger no meio do tiroteio. Depois de ficar imaginando como tudo podia acontecer e tentando fazer um cálculo de como agir, ela disse que entrou em pânico e resolveu ir dormir com o filho na casa de parentes que moram fora da favela. Mas depois de três dias sem voltar para o morro viu que não ocorreu invasão nenhuma, ela disse: “agora só vou sair de casa quando o tiroteio começar!”.

Como o “treinamento” do Bope foi feito, portanto, em um momento no qual o clima na favela estava tenso, alguns moradores especularam que a polícia poderia estar fazendo supostamente um “treinamento” na favela para, na verdade, mapear a atuação do Comando Vermelho no morro e, posteriormente, usar esse mapeamento para facilitar a entrada da ADA no Santa Marta. Um raciocínio semelhante também vem sendo feito por alguns moradores da Cidade de Deus que especulam que a polícia pode estar “apertando o cerco” contra o tráfico na favela para facilitar que uma invasão ocorra brevemente. Mas nesse caso não se trata de uma disputa de territórios entre diferentes facções do tráfico de drogas, mas sim uma disputa entre traficantes da Cidade de Deus e milicianos da Gardênia Azul.

Embora as especulações de ameaças de invasão da Cidade de Deus e do Santa Marta sejam bastante diferentes, elas guardam uma semelhança: nos dois casos a população desconfia que a polícia possa vir a colaborar, ou pelo menos, facilitar que invasões de facções rivais e ou grupos de milicianos ocorram em áreas “pacificadas”. Nesse cenário, há uma desconfiança generalizada de todos contra todos. Já que não é possível saber que policiais estão agindo dentro da lei e quais estão “fechados” com o tráfico local ou ainda quais podem estar ajudando uma facção rival ou grupos de milicianos. Os moradores de áreas “pacificadas” sentem-se pressionados de todos os lados e temem fazer denúncias – seja contra a atuação do tráfico, seja contra a atuação da própria polícia na favela – já que temem por represálias em um cenário no qual o domínio territorial da favela parece novamente estar em jogo, ou melhor, em disputa.

Para concluir, sugiro que para entender as disputas de poder que vêm ocorrendo entre a polícia e o tráfico nos territórios “pacificados” podemos pensar na imagem de um pêndulo que contextualmente varia mais de um extremo *continuum* cujos polos seriam, de um lado, a “retomada do domínio territorial” pela polícia e o enfraquecimento do tráfico; do outro, o enfraquecimento da polícia e o retorno do domínio dos territórios “pacificados” para as mãos do tráfico. Na prática, esses extremos lógicos indicariam as tendências produzidas pela permanente combinação entre as alternativas polares. Se no momento da implementação da UPP, o pêndulo tendeu mais para o enfraquecimento do tráfico, atualmente, rumores apontam para um novo fortalecimento dos bandidos na favela e uma “desestabilização” da UPP.

Mas é importante lembrar que esse pêndulo não oscilou de uma única só vez, de modo abrupto, de um lado para o outro. Essa oscilação, ao menos nas duas primeiras favelas pacificadas, ocorre a partir de variações infinitesimais que, em certos momentos o levavam um pouco mais para um lado, mas em outros variavam na direção oposta. Há avanços e retrocessos para um lado e para o outro em diferentes momentos. E essas microvariações são percebidas cotidianamente de um modo isolado pelos policiais, pelos traficantes e também pelos moradores quando leem cotidianamente o clima da favela. Mas, com o passar do tempo, a soma dessas oscilações infinitesimais gera acúmulos que permitem que esses atores visualizem de um modo mais global as mudanças que estão ocorrendo e, assim, possam ser capazes de identificar estados e sugerir tendências que podem surgir em longo prazo.

Quando eu perguntava para os meus interlocutores por que eles tinham essa percepção de que “tudo está voltando a ser como antes”, eles geralmente apresentavam uma comparação entre o “clima da favela” em três diferentes momentos. Eles falavam primeiro de como era o “clima” antes de a UPP chegar, depois explicavam como ele ficou nos primeiros anos após a chegada da UPP e, por fim, analisavam como ele estava agora. Em suas falas, indicavam que a composição dessas três temporalidades é feita a partir da leitura de pequenas “pistas” que vão se somando e permitindo que os moradores comparem a atmosfera do ambiente da favela nesses três momentos. Apresento, a seguir, algumas “pistas” que dão a sensação de que o “clima da favela” está voltando a assemelhar-se àquele existente no contexto pré-UPP no Santa Marta e/ou na Cidade de Deus:

PISTAS DE QUE “ESTÁ TUDO VOLTANDO A SER COMO ANTES”:	SANTA MARTA	CIDADE DE DEUS
1) a redução do número de policiais atuando na favela;	X	X
2) o “afrouxamento” do policiamento e a redução da quantidade de “duras”;	X	X
3) o fato de a favela estar mais escura, com muitas áreas com lâmpadas queimadas que não são trocadas;	X	X
4) o aumento do número de pessoas fumando maconha em lugares públicos;	X	X
5) a presença de sofás no meio da rua, que são usados para dificultar a passagem das viaturas policiais;		X
6) a retomada da utilização de “radinhos”, que permitem aos traficantes mapearem a circulação dos agentes da UPP pelo território da favela ²⁵⁴ ;		X
7) o aumento da corrupção;	X	X
8) o surgimento do “arrego por rua”;		X
9) o retorno de pontos de venda de drogas (“bocas”) “sedentários” e “permanentes” ²⁵⁵ ;		X
10) a volta da obrigatoriedade de abaixar o farol e acender a luz interna do carro para passar por certas ruas da favela;		X
11) a proibição de usar telefone celular perto dos pontos onde há traficantes vendendo drogas;	X	X
12) a volta dos bailes funks nas quadras fechadas;	X	X
13) a multiplicação de bailes realizados no meio da rua na favela;		X
14) a volta dos disparos de arma de fogo e da ocorrência de trocas de tiro ²⁵⁶ ;		X
15) a (re)configuração de “fronteiras tácitas” e a delimitação de novas áreas “dominadas” pelo tráfico dentro de favelas “pacificadas” por onde os policiais da UPP não circulam e onde os traficantes andam ostensivamente armados;		X

²⁵⁴ Moradores narram que logo após a inauguração da UPP, traficantes tinham parado de usar “radinhos” para se comunicar entre eles tanto no Santa Marta quanto na Cidade de Deus. Os vendedores passaram a se comunicar apenas através de aparelhos celulares comuns para chamar menos atenção da polícia, já que o “porte de radinho” era considerado pelos policiais como um indicio para associá-los ao tráfico de drogas na favela. Além de trocar mensagens via SMS e Whatsapp para avisar que policiais estão se aproximando de determinadas áreas, os olheiros do tráfico também costumam usar códigos, como explicou o comandante da UPP do Santa Marta: “Aqui eles assobiam. Assobiam e batem no corrimão, gritam. Ali no Michael Jackson, ficam ali e batem no parapeito. Subindo a escadaria, fica um garoto e uma mulher o tempo todo logo ali no parapeito. A gente já sabe quem são locais, quem são. É complicado a gente fazer alguma coisa. Você não pode prender ninguém simplesmente por estar batendo no corrimão. Mas a gente sabe o que isso significa (...) A maioria dos policiais tem locais para ficar e tem um grupamento que eles ficam [...] de rodar o morro inteiro, eles ficam [...] perto do Michael Jackson. Tem uma casa ali que fica tomando conta deles. Eles botam o pé para fora, já avisam. Tem um vigia ali, tem uma casa ali que fica 24h tomando conta deles”.

²⁵⁵ Desde a chegada da UPP comentava-se que a venda de drogas tinha se tornado menos “sedentária” e que os bandidos dispersavam-se na favela, trocando frequentemente de lugar, de modo a dificultar que os policiais soubessem onde se encontravam as “bocas de fumo”.

²⁵⁶ Sugiro que um dos elementos de marcada importância para o retorno dos tiroteios e dos confrontos armados se deva à adaptação dos traficantes à presença policial. Com o tempo, os bandidos passaram a controlar melhor os movimentos e as ações policiais e, com isso, passaram a se sentir “mais à vontade” e a saber como e de que forma atacá-los, quando “necessário”. Como afirmou um morador da Cidade de Deus: “agora eles pegaram o ritmo e estão se sentindo à vontade para dar tiro nos policiais!”.

16) o rumor de que alguns traficantes têm circulado portando, não só pistolas, mas também fuzil pela favela;		X
17) a volta do uso de fogos de artifício em algumas áreas de favelas “pacificadas” para avisar que policiais estão se aproximando da “boca” ²⁵⁷ ;		X
18) os rumores sobre tentativas de novas invasões em territórios “pacificados” (tanto por integrantes de facções rivais ²⁵⁸ , como por milicianos);	X	X
19) a volta das operações policiais em algumas favelas “pacificadas”;		X
20) o aumento dos casos de agressões e mortes violentas em áreas “pacificadas”, incluindo ações praticadas tanto por traficantes como por policiais.	X	X

Em 2013, os relatos de atos violentos cometidos tanto por traficantes como por policiais em territórios “pacificados” deixaram de circular pelo território das favelas e começaram a ganhar as manchetes de jornal. O caso do desaparecimento do pedreiro Amarildo foi um marco desse novo momento. Amarildo de Souza era morador da Rocinha e desapareceu depois de ser levado por policiais da UPP para prestar depoimento em julho de 2013. Apesar do corpo de Amarildo não ter sido encontrado, há fortes indícios de que ele foi torturado e assassinado por policiais. Este caso gerou uma grande comoção nacional. O questionamento “Cadê o Amarildo?” virou uma das principais bandeiras das manifestações que tomaram conta das ruas da cidade do Rio de Janeiro, de quase todas as capitais brasileiras e que ficaram conhecidas como as “Jornadas de Junho”. É interessante notar que esse caso abriu espaço para um amplo questionamento das UPPs, quebrando o consenso que parecia existir em torno do sucesso do projeto. Consenso este que, por um longo período, deixou as UPPs blindadas às críticas, que agora passaram a se proliferar colocando a “estabilidade” do projeto em xeque, como mostrarei no próximo capítulo.

²⁵⁷ Um morador me explicou que o uso de fogos (que geralmente é feito por menores de idade” é mais eficiente que o uso do radinho, pois ele cobre um campo de ação maior e atinge mesmo a “rapaziada” que não está “de plantão”, mas que também fica logo “na atividade” quando ouve os fogos.

²⁵⁸ Em 2015, começou a circular um rumor na Cidade de Deus de que Playboy, traficante da facção Amigo dos Amigos, “está montando um bonde para invadir a Cidade de Deus”.

